

Rubem  
Braga

*Manchete*

415 - 2/4/60

## Sôbre uma fita, e outras

**R**ECEBO um recorte em que um rapaz elogia a "bossa-nova" no cinema brasileiro e me acusa de prestigiar Marcel Camus "num vergonhoso e desonesto servilismo".

No fim do artigo o autor desafia quem não acreditar no que êle diz a assistir aos filmes "A Garganta do Diabo", "Bahia de Todos os Santos" e "Vi-das Sêcas".

Infelizmente, pelo que leio nos jornais, parece que êste último filme está perdido por um acidente; do segundo não ouvi falar, creio que ainda não foi exibido, ao menos para o público; mas vi o primeiro.

Fui assistir a "A Garganta do Diabo" com tôda a boa-vontade possível: diziam-me que era filmado em Foz do Iguaçu, que acho o lugar mais bonito do mundo (se não conhece, leitor, tome um avião da Real e vá conhecer em um fim-de-semana: é soberbo, comovente, fantástico); que o diretor era um jovem de muito talento e já alguma experiência; e as duas môças que fazem os principais papéis eram môças bonitas e inteligentes, minhas conhecidas.

Fui. Tudo o que me haviam dito era verdade, inclusive o talento do diretor. As môças atuam bem e estão de uma beleza impressionante sôbre o fundo da cachoeira monumental. Mas o filme não vai.

Sei que êsse filme foi mandado para o festival argentino, e acho possível que êle ganhe algum prêmio, pois tem várias qualidades, e o diretor dá seus golpes de estilo; mas, quando eu digo que êle não vai, estou dizendo que não vai até o público. Falta nêle alguma coisa de muito simples, a gramática elementar do cinema, sem a qual ninguém pode contar uma história direito. Dou um doce a quem

adivinhar que aquêle rapaz que está pescando lá embaixo é irmão daquela môça que está mostrando sua beleza e a paisagem lá em cima, naquele *flash back* da hora em que chegam os bandidos. Certas pequenas sabedorias técnicas misturam-se a detalhes pueris do mais barato cinema; a linha dramática é partida mais de uma vez sem motivo, e essa falta de ritmo quebra a emoção do espectador e o fatiga à toa; o filme não anda, não flui, vai aos arrancos e enguiços. Mas fui apresentado ao jovem diretor, Sr. Khury, mas estou apostando como o que falta a êle é certa humildade de contador de história, que é essencial a quem trabalha no ramo da narrativa.

É para isso que eu desejaria chamar a atenção dêsses jovens diretores que o articulista, que me xinga, classifica sob a velha expressão "bossa-nova". Critiquem à vontade Marcel Camus (que me honro de haver obscuramente ajudado com algumas traduções de diálogos em seu filme "Os Bandeirantes", filme já condenado por todos os suficientes alex vianys que dêle não viram uma cena sequer), mas cuidem de ser mais humildes, de fazer fitas que o público possa ver e entender. Sim, o Brasil precisa de diretores, e é natural que êles surjam entre os moços. Mas não surgirá nada de bom se os rapazes acreditarem que filmando as cataratas do Iguaçu alguém fêz "a descoberta do Sul" ou outra bobagem assim.

Não ouçam essas tolices de suplemento dominical, sejam menos "semostradores" — como diria Mário de Andrade — e façam um bom cinema nacional, mesmo sem gênio — ou principalmente sem gênio. É o que o público está pedindo, e eu também.